



BONGA *Jingonça*
LP/MC edição Discossete

ERA BONGA MAS ACABOU-SE

Público

11/12/91

Em 1972, o atleta Barceló de Carvalho, então com 30 anos de idade, entrou num estúdio de Amesterdão e transformou-se em Bonga Kuenda, o rei da música angolana. “Angola 72” veio afirmar — na continuidade de um Liceu Vieira Dias e do seu mítico N’Gola Rítmicos — a possibilidade de uma música angolana moderna. O disco apontava caminhos e sugeria soluções que ainda hoje permanecem actuais. Bonga prometia quase tudo. Nos primeiros anos após a independência, alguns dos seus álbuns, em edições mais ou menos marginais, exploram essas propostas e sugerem outras. Em “Kualuka Kuetu”, por exemplo, Bonga continua a recriar temas tradicionais, com uma interpretação exuberante e magnífica dos carnavalescos Malalanza e Mamã Lálá, ao mesmo tempo que começa a utilizar nas letras um certo “português de musseque”, em detrimento do quimbundu mestiçado de Luanda. Este último aspecto acabaria por imperar na música angolana, e hoje a maioria dos jovens compositores utilizam o português — na verdade, a sua língua materna — com recurso frequente ao fértil e imaginativo calão urbano de Angola.

Bonga foi também o primeiro músico angolano a conseguir alguma audiência internacional. Os complexos caminhos do exílio e da errância levaram-no a frequentar com assiduidade os restantes países africanos de língua portuguesa, em particular Cabo Verde, resultando daí algumas incursões preciosas do cantor nos domínios da morna e da coladéra. As suas interpretações de “Caminho di São Tomé”, do cabo-verdiano Abílio Duarte, ou de “Mind-

jeris di Pano Preto”, do guineense José Carlos Schwartz, conferem-lhe, só por si, um lugar na história da música popular destes países.

Não há, porém, bela sem senão. E, no caso de Bonga, o senão é muito grande. Na verdade, atinge toda a obra recente do cantor. Álbuns como “Reflexão”, “Malembe-Malembe” ou o presente “Jingonça” são tanto mais infelizes quanto é certo que contaminam a memória de toda uma carreira. Hoje, explicar a alguém que pouco conheça de música africana a importância de Bonga começa a ser difícil.

Evidentemente, nem toda a matéria de que estes álbuns se compõem é irremediavelmente má. Em “Frutas de Vontade” ou “Mariquinhas”, temas que conheceram enorme sucesso popular, percebe-se ainda o génio rítmico do autor de “Balumukeno”. Mas o insidioso e insaciável monstro do popularismo comercieiro que parece ter-se instalado dentro de Bonga — alimentando-se dele, como o terrível “Alien” se alimentava das entranhas dos seus hospedeiros — consegue até corromper a força deste génio, transformando esses temas numa idêntica pasta amorfa, boa apenas para se consumir na Feira Popular, junto com as faturas e o algodão-doce.

“Jingonça” não traz nada de novo. Escuta-se uma e outra vez e a sensação que se tem é a de já se ter ouvido tudo aquilo em noites mais felizes. A voz rouca e calorosa lembra-nos alguém que desde muito cedo aprendemos a respeitar. E o que resta é uma saudade imensa.

Regressa ao futuro, Bonga. Por favor, volta para trás. (4)

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA